

Hospital reaproveita seringas

Paulo de Araújo

A falta temporária de seringas descartáveis de um mililitro (ml) trouxe problemas para o Banco de Sangue do Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF).

Com a falta de seringas apropriadas, as enfermeiras estão usando seringas de três ml que servem para anestesiá-las três pacientes.

A mesma seringa é usada três vezes, em três pessoas diferentes. Só as agulhas são trocadas, o que deixa os doadores preocupados.

“Para nós do programa de AIDS, a técnica não é recomendada”, diz a médica Lair Guerra, diretora do programa de prevenção e controle da Aids do Ministério da Saúde.

Semana passada, o doador André Soares Barros notou que a seringa com que estavam lhe aplicando a anestesia já havia sido usada e reclamou do procedimento.

“Se alguma coisa acontecer comigo no futuro, o HBDF terá que se responsabilizar”, diz André.

Risco — Segundo a chefe do Banco de Sangue, Maria de Nazareth Petrocelli, o procedimento é

correto e não há risco de contaminação.

“Ao aplicar a injeção, a enfermeira não aspira qualquer quantidade de sangue”, explica.

A diretora do Hemocentro, em Brasília, Maria do Carmo Alves, confirma que se não houver aspiração não há perigo de contaminação.

“Mas o Ministério da Saúde não permite o reaproveitamento de qualquer material descartável”, diz Maria do Carmo, garantindo que no Hemocentro não há reaproveitamento das seringas que aplicam anestesia de xilocaína.

O diretor do HBDF, Elias Fernando Miziara, diz que a injeção de xilocaína é intradérmica (só atinge a pele).

“Se aspirar sangue em uma injeção intradérmica, a enfermeira pode jogar o diploma fora”, diz.

Segundo Miziara, nunca houve um caso de contaminação registrado no HBDF.

“Não acredito que não se perfure um pequeno vaso de sangue”, afirma Lair Guerra.



Os irmãos André e Renê: doação de sangue com seringa reutilizada